



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

TADEU RODRIGO COUTO DOS SANTOS

**OS SENTIDOS SIMBÓLICOS, ESTÉTICOS, IMAGÉTICOS E OS SABERES
PRESENTES NO FAZER DE MULHERES REZADEIRAS /BENZEDEIRAS DE
CARUARU-PE E QUIPAPÁ-PE**

**Caruaru
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

MEMORIAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**OS SENTIDOS SIMBÓLICOS, ESTÉTICOS, IMAGÉTICOS E OS SABERES
PRESENTES NO FAZER DE MULHERES REZADEIRAS /BENZEDEIRAS DE
CARUARU-PE E QUIPAPÁ-PE**

TADEU RODRIGO COUTO DOS SANTOS¹

**Caruaru
2024**

¹ Graduando em Design pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus do Agreste. E-mail: tadeu.couto@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Tadeu Rodrigo Couto dos.

Os sentidos simbólicos, estéticos, imagéticos e os saberes presentes no fazer de mulheres rezadeiras/ benzedoras de Caruaru-PE e Quipapá-PE / Tadeu Rodrigo Couto dos Santos. - Caruaru, 2024.

38 p. : il.

Orientador(a): Mario de Faria Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Design, 2024.

1. Mulher. 2. Curandeiras. 3. Oração. 4. Cultura popular. I. Carvalho, Mario de Faria. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Aos professores, que nutriram minha devoção permanente pelo conhecimento e me guiaram afetuosamente pelo meu desenvolvimento, levarei seus nomes, histórias e sabedorias sempre comigo.

A minha família, minha mãe e meu irmão, que me apoiaram de todas as formas possíveis e impossíveis: obrigado por acreditarem nos meus objetivos e estarem comigo em tudo.

Aos meus amigos e namorado, que suportam minhas reclamações, ausências e choros, não seria metade de quem sou se não pudesse receber os seus afetos tão únicos. Obrigado por todos os momentos e conversas.

Aos espíritos antigos, que recolheram minhas lágrimas e sussurraram seus conselhos quando mais precisei: Obrigado por tudo, que suas forças me inspirem a seguir o caminho do equilíbrio e da sabedoria.

E a todas as curandeiras, que me benzeram desde a infância e que por suas palavras pude ser curado e encantado em muitos níveis: meu agradecimento sincero por suas existências e todas as redes de amparo e afeto que são tecidas por suas curas.

RESUMO

As benzedeadas compõem o rico imaginário da cura popular em Pernambuco, resistindo junto de suas práticas através do tempo, a processos e perseguições coloniais instituídas desde a formação do Brasil, que visam desvalidar e apagar tais práticas, pois fogem de uma lógica cartesiana determinista. Assim através da fenomenologia, história oral de vida e teoria do imaginário de Gilbert Durand, objetivamos compreender as principais significações epistêmicas, simbólicas, estéticas e imagéticas presentes nos fazeres de duas benzedeadas, uma de Caruaru-PE e outra de Quipapá-PE. Percebendo que através de seus serviços elas acolhem e amparam a comunidade, ressaltando os imaginários e símbolos de povos ancestrais europeus, africanos e indígenas. Compreendendo através de suas tradições o resgate, preservação e transmissão desses conhecimentos populares e orais que evocam valores como o respeito, cuidado, sensibilidade e atenção com o próximo em prol da cura de suas comunidades.

Palavras-chave: Mulher; Curandeiras; Oração; Cultura popular;

SUMÁRIO

1 PROJETO PIBIC.....	06
1.1 Introdução.....	06
1.2 Materiais e métodos.....	09
1.3 Resultados esperados para a vigência da bolsa.....	11
2 RELATÓRIO FINAL PIBIC.....	13
2.1 Introdução.....	13
2.2 Breve histórico das práticas das benzedadeiras.....	15
2.3 Objetivos.....	18
2.4 Metodologia.....	18
2.5 Apresentação e discussão objetiva dos resultados obtidos	20
2.6 Caruaru-PE e dona Dulce.....	21
2.7 Quipapá-PE e dona Teresinha.....	25
2.8 Conclusões.....	30
3 RESUMO EXPANDIDO CONIC.....	32
3.1 Introdução.....	32
3.2 Materiais e métodos.....	32
3.3 Resultados e discussão.....	33
3.4 Conclusões.....	34
4 CERTIFICADO APRESENTAÇÃO CONIC.....	36
5 EXTRAS (OUTRAS PUBLICAÇÕES OU PARTICIPAÇÃO EM OUTROS EVENTOS)	37

1 PROJETO PIBIC

1.1 Introdução

Este Plano de Trabalho corresponde a um desdobramento do Projeto de Pesquisa “*ESTÉTICA E IMAGINÁRIO: DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ESTUDO DAS SENSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO*”. O referido Projeto foi desenvolvido no âmbito d’O *Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Imaginário e Educação (CNPq)*, vinculado ao Núcleo de Design e Comunicação e à Linha de Pesquisa “*Educação e Diversidade*” do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos do Centro Acadêmico Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.

O objetivo geral que orienta a pesquisa mais ampla acima mencionada consistiu em: compreender as dimensões simbólicas, estéticas e imagéticas dos saberes e artefatos relacionados às benzedeadas/rezadeiras das cidades de Caruaru-PE e Quipapá-PE. Este Plano de Trabalho pretendeu instrumentalizar e se debruçar sobre questões particulares que perfazem o campo de estudo mais amplo anteriormente citado, privilegiando a interpretação de um dado universo, sujeitas e fenômenos sociais. Possibilitando um aprofundamento no campo de estudo a partir da fenomenologia presente nas particularidades das vivências de um determinado grupo sociocultural.

Assim, este Plano de Trabalho é apresentado com a intenção de relacionar algumas categorias teóricas principais, Imaginário (DURAND, 2001; PITTA, 2005; DURAND, 1994; NOGUEIRA, 1993; ABELLA, 2012), ‘(De)colonialidade (QUIJANO, 2005;) e saberes ancestrais, enquanto lentes à interpretação do cotidiano e das práticas de cura dessas mulheres rezadeiras/benedeadas (CONCEIÇÃO, 2010; CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017; NASCIMENTO, 2015; OLIVEIRA, 2018) analisando suas características imagéticas, estéticas e sensíveis.

As benzedeadas/rezadeiras inserem-se dentro da ampla esfera de agentes da cura e medicina popular, caracterizando-se como um grupo social profundamente significativa na configuração desse imaginário e dentro dos processos de cura e manutenção cultural. O reconhecimento das práticas e vivências de mulheres benzedeadas, compreende o resgate e preservação de diversos saberes ancestrais

pertinentes, que tecem relações íntimas e de resistência com o imaginário de povos que foram subalternizados através do tempo, por processos coloniais que são instituídos sistematicamente desde a formação do Brasil. Frutos da simbiose de matrizes culturais diversas, tais práticas e crenças que outrora foram consideradas proibidas transitam compartilhando suas sabedorias e as associando à multiplicidade de vivências e manifestações espirituais/religiosas presentes na cultura brasileira.

A presença desse universo imagético em Pernambuco se apresenta intimamente, fazendo parte do cotidiano de diversas pessoas que buscam os auxílios e sabedorias dessas mulheres rezadeiras, que a partir de suas práticas transcendem camadas sociais e ampliam a compreensão das enfermidades e curas para além do corpo físico utilizando-se de elementos estéticos, simbólicos e do imaginário que as cerca aliados a vocalidade, dom e performance para a realização dos seus tratamentos. A escolha de benzedadeiras dos municípios de Caruaru-PE e Quipapá-PE refletem uma abordagem que possibilita uma contraposição de visões: de um lado, integrantes de uma metrópole em constante desenvolvimento (Caruaru), e do outro integram a comunidade de uma pequena cidade situada no interior de Pernambuco (Quipapá), permitindo assim a compreensão de como se compõem essas diferentes dialéticas dentro do ser benzedeira.

Essas mulheres desempenham papéis sociais essenciais para suas comunidades, que as legitimam como curadoras. De acordo com Cunha & Assunção (2017) são uma combinação de médicas, terapeutas e benzedadeiras. E continuam muito procuradas, não havendo diminuição das pessoas que batem em suas portas, mesmo com o aumento dos acessos aos bens básicos de saúde e educação. Revelando dessa forma que essas benzedadeiras, mantenedoras dessas tradições orais, ainda podem dizer muito sobre os males que afetam seu meio social. De acordo com Conceição (2010, [p.5]) “As mulheres integrantes das camadas populares sempre estiveram mais presentes nas ruas, mais abertas ao convívio com a vizinhança e com os grupos de trabalho e de lazer. [...] estabelecendo verdadeiras redes de socialização, cuja dinâmica contribuiu para a edificação de uma teia de significados.”

Esse estudo pretendeu evidenciar, sob a perspectiva da Antropologia Social, a importância de explorar e refletir sobre o imaginário dessa tradição para assim compreender quais as significações epistêmicas, simbólicas, estéticas e sensíveis estão presentes nos fazeres das mulheres rezadeiras/benzedadeiras e quais relações e processos se estabelecem na oralidade, gestualidade e saberes tradicionais desse grupo. Dessa forma, possibilitar uma redimensão dos modos de pensar e enxergar, no que concerne ao modo como tais práticas e costumes religiosos/espirituais integram a sociedade, junto dessas mulheres, e desse imaginário ancestral de cura e sabedoria popular, permitindo ainda a assimilação de quais as potencialidades sensíveis desses conhecimentos e o aprofundamento no que se refere a pluralidade das manifestações sociais e transmissão de saberes orais. Saberes esses que, de maneira recorrente, são descreditados por não comporem uma racionalidade cartesiana, quando na realidade, transpassam essa racionalidade sistemática, tratando e dialogando com temas e conceitos complicados de delimitar.

A construção desses saberes e fazeres dialoga com a formação da identidade cultural brasileira, se relacionando principalmente com o resgate da ancestralidade africana, indígena e europeia. Falar sobre essas mulheres e como se deu a formação desses conhecimentos é encarar as práticas culturais e costumes não apenas nas permanências das tradições, mas também enxergar as práticas culturais como um campo de mudanças e diálogos atuais, que vão tecendo uma intrincada trama de conhecimentos diversos que se expressam pelo meio social. Assim, a compreensão imagética desses fazeres/saberes, através da qual se desdobram aspectos simbólicos e de sensibilidade poética, estética e ancestral, torna-se fundamental para contribuir com a formação educacional, cultural e identitária hoje.

Assim sendo, essa proposta de pesquisa considera que a compreensão das recorrências estéticas, sensíveis, simbólicas e das subjetividades presentes no fazer de mulheres rezadeiras/curandeiras pode ressaltar o imaginário de vivências socioculturais cotidianas a partir dos saberes mobilizados por essas mulheres. Essa premissa pode ser determinante na construção de uma atualizada agenda de estudos voltados à valorização do modo estético-sensível de pensar a relação entre mulher, saberes ancestrais e sociedade. Neste sentido, uma das abordagens no estudo da estética é o estudo compreensivo da cultura em suas diversas manifestações. Em sociedade nos deparamos constantemente com acontecimentos

desta ordem, o que poderemos definir como a experiência estética no cotidiano. Esta experiência amplia e diversifica a significação das noções sobre diferentes temas e questões sociais.

Com base nessas premissas, este Plano de Trabalho contempla algumas questões, em específico: quais as significações epistêmicas e estéticas estão presentes na gestualidade das rezadeiras/benzedadeiras? Qual a centralidade dos elementos estéticos e sensíveis presentes no fazer dessas mulheres? Quais hermenêuticas, práticas e linguagens têm sido mobilizadas e significadas a partir do estético e do corporal desse grupo e como elas se relacionam com a sociedade?

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em:

- i. Compreender quais as significações epistêmicas, simbólicas, estéticas e imagéticas estão presentes nos fazeres de mulheres rezadeiras/benzedadeiras.

São objetivos específicos desta proposta:

- i. compreender como a gestualidade de mulheres rezadeira/benzedadeiras possibilita refletir sobre as representações simbólicas e arquetípicas presentes em seu imaginário;
- ii. identificar os principais sentidos epistêmicos e estéticos que emergem da gestualidade dessas mulheres rezadeiras/benzedadeiras;
- iii. refletir acerca das representações simbólicas, epistêmicas, estéticas e sensíveis produzidas a partir das práticas de cura, imaginário e saberes dessas mulheres.

1.2 Materiais e métodos

O trajeto metodológico deste Plano de Trabalho decorreu de uma perspectiva fenomenológica (MOREIRA, 2002; CARVALHO; CARDOSO, 2015). Este método apresenta à proposta de pesquisa uma ferramenta crítica, por sua essência reflexivo-filosófica, e subjetiva quanto à compreensão dos fenômenos, da natureza

humana e suas ações na história (MOREIRA, 2002; MAFFESOLI, 1998). Assumimos a posição de observar e analisar as categorias do imaginário manifestadas a partir das práticas de cura e saberes dessas mulheres rezadeiras/benzedadeiras.

A partir das categorias teóricas 'estética' e 'sensibilidade', o que foi percebido no registro e interpretação das práticas culturais e das imagens abordou sobre a formação das subjetividades, captadas nas gestualidades. Assim, analisando as dimensões arquetipais, significações e as representações simbólicas presentes nas práticas de cura das rezadeiras/benzedadeiras em Caruaru/PE e Quipapá/PE poderemos destacar a dimensão das significações simbólicas inconscientes e imagéticas desses fazeres.

A abordagem qualitativa do estudo foi instrumentalizada de acordo com os aportes oferecidos pela Teoria do Imaginário e do barroco, propostos por Gilbert Durand (2001; 2004), da imaginação poética de Gaston Bachelard (1942; 2008) e das observações sobre estética e sensibilidades, segundo Marcuse (2001, 2002), Schiller (2015) e Maffesoli (1986; 2007; 1988; 1996). Estes autores compõem o quadro epistemológico do presente Plano de Trabalho.

Assim, foi construída a demonstração da integração dos elementos estéticos e sensíveis como fenômenos fundamentalmente tangíveis do imaginário em seus aspectos inconscientes, e, nesse caso, metafísico, para estabelecer relações entre o sensível e o inteligível presente na manifestação estético-imagético dos fazeres.

Vale ressaltar que a coleta de dados para a realização da pesquisa e para a tessitura dos saberes, será viabilizada a partir de registros fotográficos (LOIZOS, 2008) que o pesquisador, por integrar as duas cidades detêm; e de entrevistas (realizadas com o auxílio de ferramentas virtuais) relacionadas às experiências de consulta e aprendizado dentro dos espaços designados para a pesquisa, casas das benzedadeiras, ao longo do tempo. Portanto, frente à atual pandemia, vale destacar que a instrumentalização da pesquisa contará com a presença atual do pesquisador no campo eleito, a depender das condições sanitárias. Assim, perceberemos os desdobramentos do imaginário apresentados nas práticas das rezadeiras/benzedadeiras em Caruaru-PE e Quipapá-PE e suas percepções sensíveis.

O conjunto de imagens mapeadas e as entrevistas que servirão como base de análise, o *corpus* da pesquisa, serão categorizados a partir da teoria eleita. As informações coletadas serão observadas segundo a dimensão representativa dos sentidos estéticos e sensíveis que apontam para as ressonâncias do imaginário na gestualidade e práticas das mulheres rezadeiras/benzedeiras.

1.3 Resultados esperados para a vigência da bolsa

Este Plano de Trabalho está em estreita sintonia com as atividades que buscam consolidar o Programa de Interiorização das Universidades Públicas, na medida em que fortalece as atividades de formação de pesquisadores/as em nível de iniciação científica no interior do estado de Pernambuco. Em segundo lugar, o Plano poderá apresentar uma abordagem metodológica que permite a realização de um estudo estético-sensível do universo eleito, na medida em que integra o imaginário e a sensibilidade para a compreensão da gestualidade, estética e saberes das benzedeadas/rezadeiras em uma perspectiva estético-sensível. A investigação, em terceiro lugar, poderá proporcionar a participação do aluno pesquisador em seminários ou encontros acadêmicos, contribuindo para a disseminação dos temas eleitos e possíveis publicações em periódicos com Qualis em Antropologia, Arte, Educação ou Ciências Humanas.

Referências

ABELLA, Sandra Iris Sobrera; RAFAELLI, Rafael. As Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand em Cinco Pinturas de Arcimboldo. **Caderno de Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas**, Florianópolis, v.13, n.102, p.224-249 jan/jun 2012.

BACHELARD, Gaston. **L'eau et les rêves**: essai sur l'imagination de la matière. Paris: Librairie José Corti, 1942.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CARVALHO, Mário Faria de; CARDOSO, Fernando da Silva. Contemporaneidade, pesquisa social e imaginário. **Revista Nupem**, Campo Mourão, v. 7, n. 13, p. 105-117, jul./dez. 2015.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. SER REZADEIRA: saberes e práticas culturais de mulheres no Recôncavo. Gov. Mangabeira – Recôncavo sul da Bahia (1950-1970). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA, 10., 2010, Recife. **Anais [...]** Recife: UFPE, 2010, [p.1-16]. Disponível

em:

https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269098959_ARQUIVO_TextosAnais-Pernambuco.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

CUNHA, Lidiane Alves da. ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiros. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [s.l.], v. 09, n. 27, p. 189-227, jan/abr 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/download/31436/18117>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1994.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução Hélder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DURAND, Gilbert. **L'Imaginaire**. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image. Paris: Hatier, 1994.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução Rennée Eve Levié. 3. ed. Rio de Janeiro: DIEFEL, 2004.

MARCUSE, Herbert. **A sociedade como obra de arte**. Tradução de R. Barbosa: Novos Estudos CEBRAP, nº 60, julho 2001.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa". In: BAUER, M. GASKELL, G. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O Paradigma Estético: a sociologia como arte**. Revista do Patrimônio Histórico- Artístico Nacional, n. 21, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Tradução de Álvaro Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NASCIMENTO, Manuela Santana. Os impasses com o catolicismo negro vivido por rezadores em Santo Antônio de Jesus-BA (1940–1970). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: [s.n], 2015, p.1-18. Disponível em: www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434075126_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A (ex) (des) estrutura em Gilbert Durand. **Cad. Est. Soc.**, Recife, v. 9, n. 2, p. 259-266, jul./dez. 1993.

OLIVEIRA, Fernanda Meira de. Breve histórico das práticas de cura das rezadeiras na América portuguesa. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, HISTÓRIA E MOVIMENTOS SOCIAIS, 9., [2018], [Santo Antônio de Jesus]. **Anais [...]** [Santo Antônio de Jesus]: [s.n], [2018], [p.1-11]. Disponível em: [http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532368889_ARQUIVO_tccenviarevento\(2\).pdf](http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532368889_ARQUIVO_tccenviarevento(2).pdf) . Acesso em: 22 mar. 2022.

PITTA, Danielle. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 1. ed. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem. São Paulo: Iluminuras, 2015.

2 RELATÓRIO FINAL PIBIC

2.1 Introdução

As benzedeadas, também chamadas rezadeiras, povoam o imaginário da medicina e curas populares em Pernambuco. Presentes nas memórias e cotidianos de pessoas que recorrem às suas sabedorias e práticas ancestrais, que transcendem camadas sociais e ampliam a compreensão das enfermidades e saúde para além do corpo físico. Atuando segundo Cunha & Assunção (2017) ora através de uma medicina prática, ora através da medicina popular, porém quase sempre integrando ambas.

Essas mulheres através de seus conhecimentos das técnicas curativas dispõem de elementos estéticos, simbólicos e míticos do imaginário, aliados a vocalidade, ervas, dom e performance para efetuar tratamentos, em geral de forma gratuita ou por um valor simbólico. Onde atuam na melhoria da saúde individual e coletiva, combatendo as diversas enfermidades e dificuldades apresentadas por aqueles que as procuram. De acordo com Cunha & Assunção (2017 apud Loyola, 1983) são marcadas por uma religiosidade e práticas que possuem caráter místico, mágico e religioso, abordando a origem das enfermidades como fruto destes elementos e entendendo o adoecimento para além de explicações apenas biológicas. Unindo elementos simbólicos e imaginários passíveis de cura pela reza e

procedimentos de cuidado, empregados por especialistas da medicina e da religião, no entanto não sendo reconhecidas por ambos órgãos oficiais. Porém, validadas por suas comunidades que legitimam e atestam seus entendimentos, sabedorias e tratamentos.

Dessa forma, se inicia a compreensão da importância dessas mulheres, que a partir de seus trajetos e ancestralidades, frutos da simbiose de culturas diversas como à indígena, africana e europeia, dialogam principalmente com comunidades socialmente e economicamente vulneráveis, que as mesmas integram em diversos casos. Compreendendo através de suas tradições o resgate, preservação e transmissão desses conhecimentos populares e orais que resistem através do tempo a processos e perseguições coloniais, instituídas desde a formação do Brasil até a atualidade, que intuem demonizar e desconsiderar as palavras, técnicas e vivências femininas das benzedeadas. Como Del Priore (2004), exemplifica:

(...) “Curandeadas e benzedeadas que curavam com “orações, benzimentos, rezas e palavras santas”, pertencentes ao monopólio eclesiástico, passaram a ser sistematicamente perseguidas, pois as palavras que empregavam eram consideradas, sobretudo pelos inquisidores do Santo Ofício, de inspiração diabólica. (Del Priore, 2004, p. 92).

Tais práticas e crenças que outrora foram instituídas como proibidas, hoje transitam entre estigmatizações, porém compartilhando suas sabedorias e se associando à multiplicidade de vivências e manifestações espirituais/religiosas presentes na cultura brasileira.

A escolha de benzedeadas dos municípios de Caruaru-PE e Quipapá-PE refletem uma abordagem que possibilita uma contraposição de visões: de um lado, integrantes de uma metrópole em constante desenvolvimento (Caruaru), e do outro integram a comunidade de uma pequena cidade rural situada no interior de Pernambuco (Quipapá), permitindo assim a compreensão de como se compõem essas diferentes dialéticas dentro do ser benzedeadas e quais são os elementos simbólicos, estéticos e sensíveis essenciais que recorrem nessas narrativas.

Assim, esse estudo pretende evidenciar, sob a perspectiva fenomenológica de Carvalho e Cardoso (2015), a importância de explorar e refletir sobre o imaginário dessa tradição para compreensão das significações epistêmicas, simbólicas, estéticas e sensíveis que emergem dos fazeres dessas mulheres. Possibilitando o

redimensionamento do modo de pensar como tais práticas e costumes religiosos/espirituais integram a sociedade, junto dessas mulheres, e imaginário de cura popular. Permitindo também a assimilação das potencialidades sensíveis desses conhecimentos e o aprofundamento na compreensão da pluralidade de manifestações religiosas e culturais expressas no território Pernambucano.

2.2 Breve histórico das práticas das benzedeadas

Observar os modos como tais mulheres exercem suas práticas na atualidade e o imaginário que as permeia, nos instiga a formar uma linha temporal com os acontecimentos mais significativos, encontros e misturas de conhecimentos e povos que foram elementares para a construção dos saberes das benzedeadas.

Ao iniciar, antes de pensarmos no marco da chegada dos portugueses a esta terra e a formação do Estado brasileiro, é relevante salientar a existência de diversas manifestações religiosas de povos originários, com suas culturas já estabelecidas no território nacional (Oliveira, 2018). No que concerne às culturas indígenas pré-coloniais, e as delimitações temáticas desta pesquisa, um dos pontos mais significativos que devemos ressaltar nesses povos é o uso curativo das ervas, como afirma Gurgel (2012):

No território brasileiro, diante da enorme diversidade de vida vegetal, a possibilidade de encontrarem-se plantas medicinais sempre foi significativa. Como atentos observadores da natureza, os indígenas conheciam bem a flora da região e não desperdiçaram a oportunidade de sua benéfica utilização. (Gurgel, 2012, p.1).

O reconhecimento dessas sabedorias curativas e culturas pré-coloniais nos possibilita compreender a história das benzedeadas em seus detalhes e entender outros desdobramentos da chegada da corte portuguesa a partir das afirmações de Amado (2019):

O que se entende hoje por Estado brasileiro foi constituído a partir de atitudes autoritárias que não levaram em consideração os territórios originários, a cultura, a organização social, os sistemas jurídicos próprios, as línguas e os modos próprios de ver e de entender o mundo da ótica indígena. (Amado, 2019, p. 704).

Assim, relembramos que os portugueses chegam a essa terra transportando seus trajetos, visões e crenças euro-ocidentais, e da relação íntima entre o catolicismo e a coroa portuguesa, onde de acordo com Melo (2010) se estabeleciam

inclusive relações de dependência, da coroa para com a igreja, já que os eclesiásticos tidos como mediadores entre os homens e a divindade eram imprescindíveis nas embarcações que zarparam para as novas terras e onde podemos tomar como exemplo a armada de Cabral, que trouxe o capelão-mor Frei Henrique Soares, evidenciando vinculações que inviabilizavam cada vez mais o laicismo na nova terra.

Sucedendo a invasão portuguesa também chegaram ao território brasileiro os judeus que fugiam da Europa e o povo preto vindo da África, trazidos à força para o país em decorrência dos processos escravagistas. Nesse processo de estabelecimento do estado brasileiro, Nascimento (2015, p. 03) afirma que “(...) a Igreja que chegou legitimando a ação colonizadora, inserida na máquina administrativa, levou à demonização de qualquer outra forma de crer existente e as que se desenvolveram fora do padrão euro-católico-ocidental”. Porém, apesar da força eclesiástica e das inúmeras tentativas da igreja de perseguir e exterminar os saberes religiosos indígenas e africanos Melo (2010) afirma que os ensinamentos e dogmas da igreja católica não refletiam as essências religiosas da maioria da população, apenas a desse grupo específico que se esforçavam na criação de novas estratégias de conversão da população não cristã.

A união das sabedorias desses povos perseguidos ocorreu na necessidade de sobrevivência, íntima e coletiva, preservando suas culturas, trajetórias antropológicas e imaginários através do sincretismo religioso e cultural. Era a partir desse movimento que tais povos mesclavam e escondiam suas práticas entre as roupagens e ritos cristãos e dessa forma através do tempo, oralidade e gestualidade estabeleceram uma miscelânea de saberes empírico-ancestrais, transmitidos desses povos para seus descendentes, incluindo nessa miscelânea conhecimentos populares filosóficos, culturais, religiosos e curativos, Melo (2010) afirma que:

Difícilmente seria possível acreditar que o Brasil poderia representar um catolicismo romano como o que ocorria na Europa – o qual, apesar da vigilância e rigor não era seguido sempre a risca, isto é, não era o maior exemplo de observância religiosa – se aqui abrigava uma religiosidade que comportava ritos indígenas e africanos ao lado de cripto-judeus (...). (Melo, 2010, p. 15).

Dentro das estratégias de pureza religiosa e conversão adotadas pela igreja católica, podemos citar a inquisição, que se iniciou a partir do final do século XVI,

como ponto significativo de impacto nos diversos saberes de cura popular e onde podemos contextualizar tais acontecimentos em Pernambuco.

(...) a Inquisição é um ponto importante, e isto se deve ao fato de que ela foi, dentre outros fatores, a grande responsável pelo hibridismo religioso vivenciado pelos colonos. No território do atual nordeste brasileiro, essa constatação é ainda mais perceptível, pois, a presença inquisitorial nessa região foi mais forte e atuante, podendo ser observada na vasta documentação encontrada, principalmente nas capitânicas de Pernambuco e Bahia. (Melo, 2010, p. 11).

Prosseguindo nessa linha temporal também é possível delimitar, no período inquisitório, com mais clareza o imaginário popular da figura feminina, como evidencia-se nos escritos de Brasil (2013):

A mulher era considerada pelos Inquisidores como propensa a constituir pactos com o Demônio. A Igreja invocava o mito de Eva, que foi tentada pela serpente (o Mal) atraindo para a Terra a fúria divina. Assim, desde o início dos tempos, a mulher é a parceira do mal, instrumento utilizado pelo Diabo na sua luta contra Deus. (Brasil, 2013, p. 05).

A figura feminina já trazia temor diante dos olhos colonizadores onde simbolizavam o mal e o perigo, mas como detentoras de diversos conhecimentos, por outro lado, também simbolizavam o arquétipo do cuidar e nutrir. No Brasil a estimativa é que desde do período colonial, principalmente pela falta de médicos, as mulheres já mesclavam orações com conhecimentos empíricos das ervas e natureza a fim de sanar as enfermidades e males diversos que afetavam seus familiares e comunidade (Cunha, 2018). Com o passar do tempo tais práticas curativas de benzimento perduraram junto dessas mulheres mesmo com as perseguições que ocorriam por todo país. No que se refere ao território pernambucano, contamos com diversos registros dessas perseguições.

Mary Del Priore, pesquisando no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, encontrou uma denúncia feita ao comissário Dom Antônio Teixeira de Lima, em Pernambuco, na mesma vila de Serinhaém e no mesmo ano, contra Maria Cardoso, “parda forra [que] ‘benzia madres’”. Cita ainda que na mesma freguesia, mas em outra localidade, “Joana Luzia benzia madres com as seguintes palavras: ‘Eu te esconjuro madre, pela bênção de Deus Padre e da espada de Santiago, pelas três missas do natal, que te tires donde está e vá para o teu lugar, que deixes fulana sangrar’”. (Bezerra, 2005, p. 105).

Apesar das inúmeras perseguições feitas pela igreja católica, concordamos com Nascimento (2015) quando ela afirma que as tentativas de eliminação das práticas religiosas, principalmente africanas, ligadas à cura no território brasileiro

resultaram num fracasso. Porém, mesmo não conseguindo a extinção de tais práticas, a igreja católica através de séculos de perseguição, conseguiu marginalizar, criminalizar e manchar tais práticas e imaginários. Denegrindo não apenas essas sabedorias, mas também a figura das benzedeadas como forças femininas de cura e cuidado com a comunidade e desafiadas da visão patriarcal e positivista instituída ao longo de tanto tempo.

2.3 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa consiste em:

I. Compreender quais as significações epistêmicas, simbólicas, estéticas e imagéticas estão presentes nos fazeres de mulheres rezadeiras/benedeadas de Caruaru-PE e Quipapá-PE.

São objetivos específicos desta proposta:

I. Compreender como a gestualidade de mulheres rezadeiras/benedeadas de Caruaru-PE e Quipapá-PE possibilita refletir sobre as representações simbólicas e arquetípicas presentes em seu imaginário;

II. Identificar os principais sentidos epistêmicos e estéticos que emergem da gestualidade dessas mulheres rezadeiras/benedeadas;

III. Refletir acerca das representações simbólicas, epistêmicas, estéticas e sensíveis produzidas a partir das práticas de cura, imaginário e saberes dessas benzedeadas/rezadeiras de Caruaru-PE e Quipapá-PE.

2.4 Metodologia

A pesquisa iniciou-se a partir do segundo semestre de 2022 com revisões bibliográficas sobre imaginário, fenomenologia, história e práticas de benzimento, para melhor compreender as relações entre as benzedeadas, seus ofícios e comunidades.

O trajeto metodológico deu-se a partir da abordagem qualitativa e da perspectiva fenomenológica de Carvalho e Cardoso (2015), a qual é descritiva,

interpretativa e filosófica. A abordagem do método história oral de vida de Silva e Barros (2010) foi instrumentalizada como aporte para as entrevistas, fomentando narrativas para análise e compreensão de recorrências estéticas e simbólicas investigadas, com base na Teoria do Imaginário de Gilbert Durand (2001) e das sensibilidades de Maffesoli (1996; 1998).

A partir da revisão bibliográfica e no que se refere a metodologia de investigação dos mitos subentendidos nas narrativas, gestualidades e artefatos, levou-se em conta também as considerações propostas por Pitta (2017):

O método, para descobrir os mitos que subtendem um texto, deve, antes de tudo, levar em conta a redundância dos elementos, pois nenhum elemento é imaginariamente pertinente se ele não for repetido diretamente ou indiretamente por meio de outros elementos de valor simbólico equivalente (Pitta, 2017, p. 87).

Assim, foram catalogadas noções, conceitos e especificidades centrais que se repetiam nos materiais e histórias encontradas. Evidenciando pontos essenciais e particulares ao imaginário das benzedeadas e possibilitando o desenvolvimento de um mapa mental não linear dos tópicos centrais. A catalogação também deu suporte para a criação dos questionamentos apropriados nas entrevistas, que puderam orientar às respostas em direção à uma maior riqueza de detalhes, além do auxílio na percepção de sinais nos trajetos antropológicos, que reforçassem ou não os tópicos sistematizados.

Figura 01 – Mapa mental.



Fonte: Autor (2024).

A elaboração do mapa mental não pretende transformar noções complexas em um sistema de avaliação ou conceitos resumidos e definitivos, mas sim permear uma essência comum observável para a compreensão desse imaginário, identificando os principais sentidos epistêmicos e estéticos, que se concretizam durante as entrevistas, nas quais, as próprias benzedeadas conduziram, fluindo com o caminhar de suas histórias e onde prezou-se pela interferência mínima no fluxo de consciência e inconsciência de cada narrativa.

Se referindo à pesquisa de campo e coleta de dados, não foi possível fotografar os momentos de visita devido aos pedidos de privacidade das participantes. Então a pesquisa sucedeu-se a partir de observações, visitas e entrevistas a duas benzedeadas/rezadeiras, uma de Caruaru-PE e outra de Quipapá-PE. Possibilitando a percepção de seus imaginários, práticas culturais e recorrências estéticas (Durand, 2001) e sensíveis (Maffesoli, 1996) manifestas a partir das suas técnicas e subjetividades captadas nas gestualidades. Levando a reflexão das dimensões arquetipais, significações e representações simbólicas presentes nessas práticas, estabelecendo relações entre o sensível e o inteligível, destacando a dimensão das significações simbólicas inconscientes e imagéticas desses fazeres.

2.5 Apresentação e discussão objetiva dos resultados obtidos

A partir das delimitações e concepções apresentadas anteriormente conseguimos ter aparatos para começar a observar e refletir sobre as gestualidades, narrativas e imaginários dessas benzedeadas e seus contextos sociais.

No que se refere à ambas as cidades selecionadas para as pesquisas de campo, houveram dificuldades para localizar benzedeadas atuantes. Pois as poucas conhecidas, já se encontravam impossibilitadas de exercer o ofício da cura devido a idade avançada. Durante o processo de procura, não foi encontrado, via internet, quaisquer endereços ou materiais informativos que pudessem sinalizar ou facilitar a localização das benzedeadas na região de Caruaru-PE ou Quipapá-PE. Essas senhoras, não utilizam placas ou sinalizações para identificar suas casas e atendimentos, esse conhecimento nos chega oralmente e geralmente através de pessoas de idade mais avançada, que estão familiarizados com tais práticas. Dessa forma, os contatos com as benzedeadas entrevistadas, deu-se através de uma

singela rede de pessoas que compõem círculos próximos, onde após algumas mensagens e ligações, recebemos os nomes e localizações que nos guiou até essas sensíveis curandeiras.

2.6 Caruaru-PE e dona Dulce

A benzedeira entrevistada em Caruaru-PE foi a dona Dulce. Chegando em sua casa, que sempre se viu muito frequentada e de portas abertas durante muitas horas do dia, logo fui avistado por Dulce que prontamente levantou-se da sua máquina de costura, interrompeu seus afazeres e me atendeu, pedindo para que entrasse e me sentasse no sofá da sala de sua casa simples, revestida por cerâmicas brancas e detalhes azulados, com uma televisão em frente à sua máquina de costura. Ela permitiu minha entrada sem mesmo me questionar o que estava fazendo ali, possivelmente devido à anos de prática e atendimento às pessoas, tal procedimento já fosse padrão para ela. Demonstrando também como as práticas de benzimento integram o cotidiano e não se dividem dele para adentrar algo sagrado que existe separado de um cotidiano profano. O benzimento acontece na sala de casa sem necessidade aparente de maiores rituais do que aquele executado no momento. Além do senso de ofício e responsabilidade presentes, que conferem o primeiro lugar, nas prioridades, no atendimento de um paciente ao lugar de uma atividade pessoal.

Lhe disse que gostaria de ser rezado, ela concordou e foi até parte dos fundos de sua casa buscar alguns galhos verdes de arruda com cerca de 5 cm, enquanto eu esperava na sala, pronto para o momento do benzimento. Dulce colocou-se de pé em minha frente e iniciou o benzimento fazendo o símbolo cristão da cruz sobre o próprio corpo, e logo após direcionou-se para mim de onde observei, por todo o benzimento, seus movimentos ritmados com os galhos de arruda em forma de cruz sobre mim. Além disso, notava-se apenas o sibilar de sua boca com algumas orações já conhecidas por quem é familiarizado com o catolicismo, como o “Pai-nosso” e a “Ave Maria”. Após essas duas orações, pouco escutei de suas palavras, mas fui constantemente acolhido pela frase “Para Deus nada é custoso” e “Ninguém pode mais do que Deus”.

Os galhos de arruda integram o imaginário popular e religioso ligado a proteção e purificação do mau olhado e diversos outros malefícios que poderiam

afetar o cotidiano de qualquer pessoa. Assim uma das possibilidades de compreensão das dimensões imagéticas da arruda é enquanto símbolo ligado ao regime diurno/heroico da imagem, conforme delimitações de Carvalho e Cardoso (2015):

A estrutura heroica é aquela dos combates dos heróis contra os “monstros”, que podem ser, no nosso cotidiano, a nível simbólico, a violência, um político, o chefe, um vizinho. A posição dominante é a vertical, do corpo ereto, “endireitado”. Invoca as imagens de ascensão, de conquista, de “endireitamento”, de afirmação, do espetacular, da purificação, de combate, de ruptura, do dia, da luminosidade. Os símbolos são as armas em geral; Kechas, espadas, adagas, etc. (Carvalho e Cardoso, 2015, p.110).

Considerando também que as associações populares, e religiosas da arruda ligadas a cultura afrodescendente e de povos originários, podem ressaltar a ideia de corte e separação, se exemplificando na separação do paciente e do carrego, tendo seu significado reforçado pelo símbolo da cruz e orações cristãs. As quais remetem popularmente a proteção e limpeza do que é negativo e corrupto e miticamente ao momento de transcendência da carne para o espírito e de purificação dos pecados do mundo, conforme pode ser observado nas orações citadas e na Bíblia (2015) em Lucas 23:26-56. Além disso as frases “para Deus nada é custoso” e “ninguém pode mais do que Deus” transpassam apenas o significado religioso atribuído ao rito, também reforçando valores e tradições carregadas por Dulce e refletindo traços da herança católica e europeia que permeia esse imaginário, além da possibilidade de gerar o sentimento de compreensão, segurança e acalento naqueles que recorrem a suas curas.

Após o benzimento, Dulce me mostrou os galhos de arruda que se encontravam escurecidos e que segundo ela representavam o carrego, que é considerado como a energia negativa e prejudicial, do mau olhado que foi limpo e absorvido pela planta sagrada. Assim agradei a ela e lhe entreguei um bolo simples como agradecimento, como havia me sido instruído por quem me direcionou até Dulce, onde recebi as informações de ser relevante sempre levar algo, mesmo que simples, para dar em troca do rito de benzimento.

Com intuito de aprofundar o contato e observação dos sensíveis ritos de Dulce, algumas semanas após a primeira visita cheguei pela segunda vez em sua casa e a chamei pedindo para que ela me rezasse novamente, onde fui recebido, em sua porta, com a seguinte pergunta “Já passavam das 17h?” Chequei o horário e

respondei que ainda faltavam 10 minutos para as 17h e ela concordou em me benzer. A partir desse questionamento de Dulce percebemos outra questão presente nos atendimentos. Não nos esqueçamos que estamos lidando com fazeres ritualísticos de valor religioso e espiritual. Dessa forma, estamos propensos a nos deparar com horários simbólicos específicos e demais restrições onde as rezas podem ou não ser realizadas, e onde em alguns casos como esse de dona Dulce, e outras benzedeadas que presenciei pela infância ou tive contato com suas narrativas, devemos nos atentar para condições pessoais do paciente como o consumo de bebidas alcoólicas e período de menstruação, ou ainda momentos da ciclicidade como o período noturno, sendo todas essas, situações em que essas mulheres tendem a não realizarem seus atendimentos. No que se refere ao horário noturno, nos remete à ideia do sol com sua força de divisão e clareza, como um tipo de condição para a limpeza do paciente, onde banhadas na luz diurna que simbolicamente segrega e permite identificação, estivessem também abençoadas da proteção solar e divina de Deus.

Procedi entrando em sua casa e ela realizou a sessão de benzimento conforme havia executado da primeira vez que lhe procurei, porém dessa vez após me benzer Dulce disse “Coração é terra que ninguém vai, ninguém vai se intrigar dos outros” afirmou, explicando que muitas vezes o mal olhado e carregado depositado em nós, vêm de pessoas próximas e familiares. Mas que em diversos momentos, tais pessoas mal sabem que estão lhe sobrepondo tal carga. Nesse apontamento de Dulce, refletimos sobre noções que inspiram valores de tolerância, compreensão e fraternidade. Possibilitando a sensibilização para a realidade alheia e reforçando o sentimento essencial de vivência em comunidade, de que não estamos isolados e separados uns dos outros, mas sim que ações e intenções individuais, afetam o outro e a coletividade. Permitindo também a auto reflexão filosófica e compreensão de como nós enquanto indivíduos afetamos e interferimos no espaço do outro e no meio social com nossas atitudes, percursos e intenções.

Após essa afirmação de dona Dulce, foi possível iniciar uma conversa com maior profundidade para a compreensão e observação dos pontos essenciais que permeiam esse imaginário, e que foram rastreados durante as leituras iniciais dessa pesquisa, conforme exibido no tópico anterior referente ao mapa mental não linear presente na metodologia. Comecei a entrevista após sua confirmação em responder

algumas questões. O primeiro questionamento feito foi para entender desde quando ela benze e atende enquanto benzedeira. Dulce disse:

“Eu sei que minha família toda rezava... uma irmã minha que morava no Caiucá, minha avó... mas eu benzo é porque eu nasci já com um dom, eu tenho um dom que eu nasci, que minha mãe disse... minha mãe disse que levou eu para rezar antes de eu ter uns 7 anos, minha mãe pensava que eu ia morrer, ela ainda costurava e eu só vivia sentada. Tinha vez que mãe tava chorando e eu chegava e perguntava: Mãe...tá chorando? E mãe dizia, não é meus olhos que tá coçando. E então mãe levou eu num rezador, e onde esse rezador morava era ali perto do convento. Ele me disse: não, não chore não ela está assim porque ela tem um Dom, ela nasceu com ele... e ela só vai melhorar quando ela fizer 7 anos. Ai depois de 7 anos... que eu completei 7 anos aí mãe diz que eu miurei”

Perguntei se esse mesmo benzedor foi aquele que à havia ensinado a rezar ou como ela havia aprendido, avaliando a possibilidade da presença de um dos pontos de transmissão comuns as narrativas de benzedeira, onde a figura que introduz as rezas e o benzimento oralmente para a nova pessoa a exercer o ofício é algum benzedor ou benzedeira mais velho e do sexo oposto. Ela disse que havia aprendido sozinha, que aprendeu a rezar sozinha e então foi rezando nas pessoas desde aquela época até atualmente. Aproveitei para questionar sobre a frequência de pessoas que apareciam para serem benzidas por ela, comparando desde seu período inicial até hoje em dia, para dessa forma investigar se havia algum tipo de diminuição nas pessoas que apareciam em suas portas e que procuravam esse tipo de serviços atualmente, devido aos avanços recentes em relação aos bens de saúde básicos. Ela respondeu que nunca houve diminuição, que sempre foi a mesma quantidade, por que as pessoas iam pela transmissão oral, passando “Ah vai lá em dona Dulce se rezar” e as pessoas apareciam, porém também havia uma certa quantidade de pessoas que se benziam de forma regular e costumavam voltar periodicamente para suas orações.

Questionei também sobre esse público que a procuravam em busca de atendimento, se era observado uma maior presença de jovens ou pessoas de idade avançada. Ela respondeu que vinham mais pessoas jovens, que estavam começando o trabalho ou fases de grande significância na vida. Dulce comenta sobre uma moça que se benze com ela e que chegou até ela através da avó, que era amiga de infância de Dona Dulce. Assim observamos novamente como não apenas a transmissão do conhecimento das benzedeiros se dá de forma oral, mas

também as pessoas que chegam até essas mulheres. Além do fato que essas são práticas resguardadas pela ancestralidade popular e transmitida através das gerações, partindo dos mais velhos para seus descendentes que estimulam seus filhos e netos a se rezarem e buscarem tais práticas curativas no auxiliar na vida e no dia a dia.

Outro ponto significativo citado por Dulce durante a entrevista foi sobre as pessoas que à buscam para lhes auxiliar a conseguir empregos e diversos objetivos na vida e onde através da reza possuem seus caminhos limpos e abertos para as novas possibilidades. Demonstrando outra face dessas práticas que não se resumem aos aspectos curativos, mas também do auxílio para as dores e aflições gerais da vida e cotidiano. Ressaltando a relevância dessas figuras femininas que acolhem seus pacientes expressando arquetipicamente a mãe de braços abertos em sinal de proteção e amparo às pessoas de suas comunidades, suas frustrações e anseios.

2.7 Quipapá-PE e dona Teresinha

Quipapá é uma pequena cidade no interior de Pernambuco onde tive os principais contatos com benzedeadas ao longo da vida, e a possibilidade de conhecer e ser atendido por dona Tereza, ou Terezinha, de 78 anos. A única benzedeadora atuante encontrada em Quipapá durante essa pesquisa, apontando para a possibilidade de Teresinha como uma das poucas mulheres mantenedoras do ofício do benzimento e cura popular no município.

Ao chegar à casa de dona Terezinha a mesma parecia já nos aguardar ao lado de fora. Sua casa era simples, pintada com tinta azul claro e telhas escurecidas pelo tempo, mas com um jardim repleto de ervas, flores e arbustos diversos. Dona Terezinha nos recebeu enquanto colhia folhas de uma pequena árvore com flores amarelas em frente à sua propriedade, uma árvore conhecida popularmente como ipê-mirim, de nome científico *tecoma stans*. Me aproximei e lhe disse que gostaria de ser rezado e prontamente fui recebido em sua pequena sala com duas cadeiras de balanço e um altar, no canto, povoado por diversas estátuas e imagens de santos católicos, além de figuras religiosas populares, em Pernambuco, como Padre Cícero. Além disso, notava-se as diversas flores de plástico em amarelo e laranja, como também velas sobre castiçais improvisados com xícaras de cabeça para baixo que

adornavam o altar. As paredes dessa sala eram completamente cor-de-rosa, pintadas por cima do cimento ainda por finalizar e com quadros, folhetos, panfletos, impressões e calendários além de outros elementos que faziam referência às divindades e santos católicos. Conferindo assim uma aparência barroca, quase como uma pequena igreja popular, à essa sala onde os diferentes planos e sobreposições dos artefatos ressaltam o imaginário das tradições católicas populares e nos leva num tipo meditação, observando simbolicamente a estrutura mística e noturna da imagem expressa.

Na estrutura mística, ao contrário, não existe mais o combate contra os “monstros”, mas uma tendência a acalmá-lo, atenuando sua violência, minimizando-a pela eufemização. É a correspondência com o reflexo da “nutrição”, da “digestão”, da junção das imagens de profundezas, de união, de descida, da noite, do engolir, da intimidade, do refúgio, da sombra. Os símbolos são as Mães, as grutas, as taças, os cofres, as moradias, etc. (Carvalho e Cardoso, 2015, p.110).

Onde a partir destes objetos em diversos em planos, texturas e sobreposições adentramos o místico noturno sem delimitações claras, onde tudo parece se interligar e intuir para o interior dos artefatos que conferem poder simbólico, sacral e religioso àquele ambiente.

Terezinha sentou-se à minha frente e perguntou meu nome completo, após isso iniciou a reza pedindo que durante o benzimento as mãos e pernas se mantivessem descruzadas. Tais gestos conscientes, que diferem do movimento automático do cotidiano, exemplificam o processo simbólico de abertura para a cura e momento ritualístico, onde há entrega e confiança no procedimento e na figura de sabedoria e força que acolhe o paciente. Também firmando a intenção do desejo da cura e melhora. Durante o benzimento, suas mãos se moviam em forma de cruz sobre meu corpo, assim como as de Dulce, enquanto seguravam os galhos de ipê-mirim, que haviam colhido mais cedo. Pouco tempo após o início do benzimento, Terezinha começa a bocejar e repentinamente me revela o sexo de quem havia me lançado o mau olhado, detalhando minha relação com o indivíduo e especificando o local onde tínhamos contato. A vi fazer isso com todas as pessoas que benzeu, durante o tempo que estive observando e a entrevistando em sua casa, havendo olhares de surpresa e reflexão das pessoas associando quem seria esse indivíduo do qual Terezinha se referia, e após pouco tempo, todos pareciam ter identificado

com clareza quem era a pessoa, enquanto alguns inclusive disseram já imaginar que se tratava daquela pessoa, aquele que lhe havia enviado o mal olhado ou carrego.

Posteriormente dona Tereza detalhou os procedimentos de sua reza, comentando sobre como descobre o sexo de quem está enviando o carrego, através das orações. Revelando que seu benzimento consiste em rezar as orações cristãs do 'Pai nosso' e 'Ave-Maria' treze vezes. Se o indivíduo a enviar o mal olhado para o paciente for um homem ela bocejará no 'Pai nosso' e se for uma mulher ela bocejará na 'Ave-maria'. Assim notamos mais uma vez a forte influência cristã na prática de benzedeadas, complementadas pela crença popular, também compartilhada por Teresa, que ao saber quem nos envia o mau olhado devemos avisar a pessoa que ela lançou tal energia, dessa forma o remetente do carrego não enviaria mais tais intenções prejudiciais, ligadas principalmente à inveja e ganância.

Buscando entender mais sobre sua trajetória enquanto benzedeadora recebemos explicações significativas que sobressaíram as demais perguntas, pois suas sábias e bem colocadas palavras responderam de forma natural os questionamentos mais relevantes que poderiam ser feitos. O que se realizou então foi a observação atenta do seu fluxo de consciência, enquanto narrava histórias diversas de sua vida. Dona Tereza conta que ninguém nunca lhe ensinou o ofício da reza, que aprendeu a rezar sozinha e desde a infância sempre gostou de rezar sobre si e outras pessoas. Afirmando que, da sua família, apenas seu irmão atuava enquanto benzedor, porém acabou falecendo, e que para além disso ela é a única de sua família que ainda realiza o ofício da cura.

Ela explica também sobre sua herança ancestral onde afirma descender de uma família onde "as duas partes", tanto a materna quanto a paterna, possuem ancestralidade indígena e onde Terezinha afirma "os índios são assim, a gente olha pra alguém e vê a verdade sobre aquela pessoa" e então relatou momentos de sua infância em que ao olhar para alguém, sabia o que se sucederia em seu futuro quer fosse algum acidente, bons acontecimentos ou a gravidez das mulheres e o sexo de seus bebês, antes mesmo que outra pessoa soubesse. Aqui percebemos a herança indígena presente nas práticas dessa benzedeadora, que não se apresenta apenas através do uso curativo e espiritual das ervas empregado por ela durante seus atendimentos, mas também em sua ancestralidade, identidade e herança cultural,

além de aspectos ligados a seus dons espirituais de cura e vidência que segundo a mesma Ihe foi concedido por Deus e Ihe auxiliam nos tratamentos.

Permaneci na casa de Terezinha, sob seu consentimento, por cerca de 1 hora desde minha chegada, momento em que fui benzido e o período de observação e análise. Durante esse tempo, cerca de 6 pessoas apareceram em busca de benzimento e agradecer por seus serviços. Uma das mulheres que chegou à procura de Terezinha pediu para que a mesma rezasse por sua filha, que estava muito fraca e ela acreditava que havia sido mal olhado, porém antes de realizar a reza dona Tereza pergunta se a filha dela “estava de boi”, termo utilizado no interior para se referir à uma mulher que está menstruada, pois sob essas condições ela não rezaria. Percebemos que esse detalhe nos remete a restrição do horário, abordada anteriormente na narrativa de Dulce, de que há algumas situações onde não se pode realizar os procedimentos do benzimento.

Entre a chegada dessas pessoas, notou-se significativa também a chegada de uma menina, com cerca de 14 anos, acompanhada da sua irmã mais nova, que deveria ter cerca de 5 anos. Ambas carregavam uma sacola com um cacho de bananas que entregaram à Dona Terezinha, agradecendo pelas rezas e pedindo que ela continuasse rezando para sua avó, pois as pernas dela ainda estavam um pouco inchadas. Percebemos nesse contexto a presença de valores sociais e ancestrais fundamentais, transmitidos de forma hereditária e reforçados através do contato religioso, simbólico e espiritual com essa benzedeira. Onde emergem noções de troca, solidariedade, cuidado e sensibilidade, que nos leva numa possível narrativa de transmissão que parte de Dona Terezinha para à avó, que se apresentou em busca de seus cuidados e orações. Da avó para suas netas, pois as nutriu e cuidou, cativando-as. Das netas para a avó que Ihe auxiliaram na tarefa de agradecer a benzedeira. E por fim retornando da avó para dona Tereza, que teve os agradecimentos materializados em alimentos. Assim, simbolicamente, o regime sintético da imagem pode ser exemplificado.

A estrutura sintética, enfim, harmoniza as oposições (coincidentia oppositorum), é histórica e progressista, do tempo positivo e seus diversos ciclos. O tempo cíclico das festas enquanto regeneração, como o carnaval e as festas juninas. As imagens são do ritmo, da copulação, da dialética, das estações do ano, da articulação entre o dentro e o fora, da conciliação, da mediação, do eterno retorno. Os símbolos são a espiral, os ofidíacos, a

roda, o fuso, a *baratte*, a corrente, a trama, etc. (Carvalho e Cardoso, 2015, p.110).

Ressaltando-se assim os diversos ciclos possíveis desse contexto como o ciclo de fertilidade da bananeira que nasceu, cresceu e deu frutas, dadas como agradecimento por um ciclo de cura e cuidados formados em prol da melhora de alguém da sua comunidade. E por fim o ciclo dos valores e narrativas transmitidas, que carregam as sabedorias, curas e gentilezas de Terezinha na memória de diversas gerações que por fim, num futuro, poderiam transmitir essas ideias para outras gerações. Dessa forma cíclica, dona Terezinha, imgeticamente, se torna imortal, criando imagens que podem ser transmitidas por gerações onde simboliza mitos e aspectos essenciais referentes a esse universo e onde os ciclos se repetem e suas sabedorias ressoam através do imaginário.

2.8 CONCLUSÕES

Ressaltamos na pesquisa a compreensão e valorização dos saberes e práticas exercidas por benzedeadas, observando suas resistências através do tempo a processos e perseguições coloniais, instituídas desde a formação do Brasil, que resultam em estigmatização e apagamento de suas práticas, principalmente por não comporem uma racionalidade determinista cartesiana. Assim, ao identificar elementos essenciais de suas ancestralidades, imaginário, subjetividades e os simbolismos presentes em seus artefatos, contextos e ritos, compreendemos suas representações simbólicas e arquetípicas. Que são exemplificadas na incorporação de elementos de heranças culturais diversas, relações com a comunidade e trajetórias que se envolvem na espiral de cura que circula essas mulheres.

Através de seus serviços que acolhem e amparam a comunidade enquanto uma grande mãe que cura e aconselha a todos, as benzedeadas entrevistadas, evocam valores que ressaltam o respeito, cuidado, sensibilidade e atenção com o próximo. Descentralizando a atenção do individual para o coletivo e possibilitando a reflexão acerca das noções epistêmicas, estéticas e sensíveis produzidas a partir das práticas de cura, que permitem a assimilação de como essas mulheres são responsáveis pela manutenção da cultura e imaginário local e responsáveis pela conservação da prática de benzimento ligadas à oralidade e ancestralidade. Revelando a importância da preservação do imaginário das benzedeadas e do

protagonismo feminino exercido por essas mulheres em suas comunidades que superam as adversidades encontradas na prática dos fazeres da cura e medicina popular.

Referências

AMADO, L. H. E. Autoritarismo e resistência indígena no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, p. 702–706, 2019.

BEZERRA, M. L. L. **Sagradas mulheres: mistérios, rezas e bençãos - uma história da benção em caruaru** - PE. Recife-PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

BÍBLIA. **Bíblia Católica**: Lucas 23:26-56. [S. l.], [2015?]. Disponível em: <https://www.biblegateway.com/passage/?search=Lucas%2023%3A26-56&version=OL>. Acesso em: 5 jul. 2023.

BRASL, G. P. AS PRÁTICAS SINCRÉTICAS NOS RITUAIS DE MAGIA E FEITIÇARIA NO BRASIL COLÔNIA. **Revista Científica Semana Acadêmica**, v. 1, n. 000007, p. 1–11, 2013.

CARVALHO, Mário Faria de; CARDOSO, Fernando da Silva. Contemporaneidade, pesquisa social e imaginário. **Revista Nupem**, Campo Mourão, v. 7, n. 13, p. 105-117, jul./dez. 2015.

CUNHA, C. G. **a prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras**. Mariana, MG: UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, 2018.

CUNHA, Lidiane Alves da. ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiras. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [s.l.], v. 09, n. 27, p. 189-227, jan/abr 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/download/31436/18117>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Lisboa, Portugal: Editora Contexto, 2004.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GURGEL, C. B. F. M. A Fitoterapia Indígena no Brasil Colonial (Os Primeiros Dois Séculos). **XI encontro estadual de história - história, memória e patrimônio**, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MELO, S. L. **a religiosidade no brasil colonial**: O caso da Bahia (séculos XVI-XVII). João Pessoa-PB: Universidade Federal da Paraíba, 2010.

NASCIMENTO, Manuela Santana. Os impasses com o catolicismo negro vivido por rezadores em Santo Antônio de Jesus-BA (1940–1970). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: [s.n], 2015, p.1-18. Disponível em:
www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434075126_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

OLIVEIRA, Fernanda Meira de. Breve histórico das práticas de cura das rezadeiras na América portuguesa. In: encontro estadual de história, história e movimentos sociais, 9., [2018], [Santo Antônio de Jesus]. **Anais** [...] [Santo Antônio de Jesus]: [s.n], [2018], [p.1-11]. Disponível em:
[http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532368889_ARQUIVO_tccenviarevento\(2\).pdf](http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532368889_ARQUIVO_tccenviarevento(2).pdf). Acesso em: 22 mar. 2022.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2.ed. Curitiba: CRV, 2017.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

3 RESUMO EXPANDIDO CONIC

3.1 Introdução

O presente estudo buscou evidenciar a importância de explorar e refletir sobre o imaginário da tradição das benzedeadas em Caruaru-PE e Quipapá-PE, argumentando que as práticas dessas mulheres compreendem o resgate, preservação e transmissão de saberes populares orais que resistem através do tempo a processos e perseguições coloniais, instituídas desde a formação do Brasil até a atualidade, que demonizaram e marginalizaram as palavras, técnicas e vivências das benzedeadas. Com base no que foi exposto, a pesquisa tem como objetivo: Compreender quais as significações epistêmicas, simbólicas, estéticas e imagéticas estão presentes nos fazeres de mulheres rezadeiras/benedeadas de Caruaru-PE e Quipapá-PE. Os objetivos específicos desta pesquisa são: Compreender como a gestualidade de mulheres rezadeiras/benedeadas de Caruaru-PE e Quipapá-PE possibilita refletir sobre as representações simbólicas e arquetípicas presentes em seu imaginário; Identificar os principais sentidos epistêmicos e estéticos que emergem da gestualidade dessas mulheres rezadeiras/benedeadas; Refletir acerca das representações simbólicas, epistêmicas, estéticas e sensíveis produzidas a partir das práticas de cura, imaginário e saberes dessas benzedeadas/rezadeiras de Caruaru-PE e Quipapá-PE.

3.2 Materiais e métodos

O trajeto metodológico parte da perspectiva fenomenológica de Carvalho e Cardoso (2015), a qual é descritiva, interpretativa e filosófica. A abordagem do método história oral de vida de Silva e Barros (2010) foi instrumentalizada como aporte para as entrevistas, fomentando narrativas para análise e compreensão de recorrências estéticas e simbólicas investigadas, com base na Teoria do Imaginário de Gilbert Durand (2001) e das sensibilidades de Maffesoli (1996; 1998). Assim foram catalogadas noções, conceitos e especificidades centrais que se repetiam na bibliografia pesquisada e histórias encontradas, evidenciando pontos do imaginário das benzedeadas e possibilitando o desenvolvimento de um mapa mental dos tópicos centrais. Em relação à coleta de dados, por meio de um diário de campo registrou-se narrativas e percepções essenciais encontradas nas visitas, onde não houveram fotografias a pedido das duas participantes, sendo uma delas benzedeadas no

município de Caruaru-PE e outra de Quipapá-PE. Tendo os registros sido analisados levando em consideração as propostas de Pitta (2017).

3.3 Resultados e discussão

A partir da análise bibliográfica foi possível traçar um percurso histórico que identifica as origens culturais dos saberes das benzedeiras. Onde mesclam-se saberes religiosos e curativos diversos que envolvem o uso medicinal e espiritual de ervas, orações populares e gestualidades que auxiliam nos tratamentos de cura empreendidos por essas mulheres. Partindo da análise histórica também se evidenciou a trajetória das benzedeiras e curandeiras populares através de processos coloniais e inquisitórios que marginalizaram seus saberes orais tradicionais e demonizaram a imagem feminina, marcas que perduram e se exemplificam nas dificuldades e apagamentos enfrentados por essas mulheres na atualidade. Percebendo também a recorrência de certos tópicos e noções durante as leituras, realizou-se a construção de um mapa mental que sistematiza e organiza os principais tópicos observados e permite delinear o imaginário dessas mulheres.

Figura 01 – Mapa mental



Fonte: Compilação do autor.

Assim no que se refere às narrativas e observações registradas durante as visitas e entrevistas, notaram-se situações que refletem os conceitos catalogados antes, porém contextualizados em seus respectivos territórios. Notou-se

principalmente aspectos ligados às heranças culturais citadas anteriormente que se exemplificam no uso de ervas, orações e símbolos, como também narrativas que reforçam o conceito de Dom divino presente naqueles que têm como ofício benzer o povo e ressaltando a relevância de seus serviços para suas comunidades onde atuam gerando ciclos de cura e compreensão dos anseios e enfermidades daqueles presentes em seus meios sociais. Percebeu-se nesse contexto a presença de valores sociais e ancestrais fundamentais, transmitidos de forma hereditária e reforçados através do contato religioso, simbólico e espiritual com essas benzedeadas, emergindo daí noções de troca, solidariedade, cuidado e sensibilidade essenciais.

3.4 Conclusões

Evidenciamos nesta pesquisa a necessidade em compreender e valorizar os saberes e práticas das benzedeadas, observando suas resistências através do tempo e identificando elementos essenciais de suas ancestralidades, imaginário, subjetividades e os simbolismos presentes em seus artefatos, contextos e ritos, compreendemos suas representações simbólicas e arquetípicas. Que são exemplificadas na incorporação de elementos de heranças culturais diversas, relações com a comunidade e trajetórias que se envolvem na espiral de cura que circula essas mulheres. Seus serviços acolhem e ampara a comunidade evocando valores que ressaltam o respeito, cuidado, sensibilidade e atenção com o próximo. Descentralizando a atenção do individual para o coletivo e possibilitando a reflexão acerca das noções epistêmicas, estéticas e sensíveis produzidas a partir das práticas de cura, que permitem a assimilação de como essas mulheres são responsáveis pela manutenção da cultura e imaginário local e responsáveis pela conservação da prática de benzimento ligadas à oralidade e ancestralidade. Revelando a importância da preservação do imaginário das benzedeadas e do protagonismo feminino exercido por elas em suas comunidades, superando as adversidades encontradas e priorizando os fazeres da cura e medicina popular.

Referências

CARVALHO, Mário de Faria; CARDOSO, Fernando da Silva. Contemporaneidade, Pesquisa Social e Imaginário. **Revista Nupem**, Campo Mourão, v. 7, n. 13, p. 105-117, 2015. Disponível em:

<http://fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/793/603>. Acesso em: 24 mar. 2022.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2.ed. Curitiba: CRV, 2017.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

4 CERTIFICADO APRESENTAÇÃO CONIC



DECLARAÇÃO

Declaramos que TADEU RODRIGO COUTO DOS SANTOS participou, como aluno(a) pesquisador(a), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pernambuco - PIBIC/UFPE/CNPq - para desenvolver o projeto OS SENTIDOS SIMBÓLICOS, ESTÉTICOS, IMAGÉTICOS E OS SABERES PRESENTES NO FAZER DE MULHERES REZADEIRAS/ BENZEDEIRAS DE CARUARU-PE E QUIPAPÁ-PE sob orientação de MARIO DE FARIA CARVALHO no período de 1 de outubro 2022 a 31 de agosto 2023.

Profº. Pedro Valadão Carelli
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

Profª Beate Saegesser Santos
Coordenadora do PIBIC / PIBITI / PIBIC-EM

5 EXTRAS (OUTRAS PUBLICAÇÕES OU PARTICIPAÇÃO EM OUTROS EVENTOS)

A partir das delimitações e reflexões exploradas nesta pesquisa, foi desenvolvido durante a disciplina de tipografia experimental, um artigo² onde explora-se o potencial de documentação dos dingbats, que são fontes elaboradas com figuras vetoriais ao invés de caracteres alfanuméricos, para investigar, registrar e transmitir conceitos significativos do imaginário popular das benzedeadas de Pernambuco. O artigo relata as etapas de desenvolvimento até o resultado final do projeto, que compreende uma fonte digital dingbat com 26 caracteres, elaborada a partir de alguns dos elementos mais representativos do universo estudado tais como aspectos históricos, cotidianos, práticas e crenças dessas mulheres.

Este artigo foi submetido e aprovado no CONGIC (Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design) que ocorreu durante o 11º CIDI (Congresso Internacional de Design da Informação). E onde garantiu o 3º lugar no “prêmio jovem pesquisador”, dado para os 3 melhores trabalhos apresentados no CONGIC.

² Os dingbats como instrumento para documentação e entendimento dos saberes e práticas populares das benzedeadas em Pernambuco, Tadeu Couto e Fátima Finizola

TADEU RODRIGO COUTO DOS SANTOS

**OS SENTIDOS SIMBÓLICOS, ESTÉTICOS, IMAGÉTICOS E OS SABERES
PRESENTES NO FAZER DE MULHERES REZADEIRAS /BENZEDEIRAS DE
CARUARU-PE E QUIPAPÁ-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de relatório de iniciação científica, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em 2024.

Aprovado em: 16/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mario de Faria Carvalho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Maria de Fatima Waechter Finizola Santana (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Bela. Lara Beatriz Maria de Oliveira Araújo (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco